



Código: 06

Relações sociais de classe, raça, etnia e gênero a partir do método materialista histórico-dialético: requisições e desafios para o Serviço Social

Apresentação

O presente texto tem como objetivo situar o debate sobre as relações sociais de classe, raça, etnia e gênero a partir do método materialista histórico-dialético, considerando a perspectiva da totalidade social, a fim de compreender, como o racismo, sexismo e cisnormatividade são reproduzidos em quantas formas de opressão, contribuindo para a perpetuação do modo de produção capitalista. Considerando essa discussão problematizaremos como essas relações se tornam requisições e desafios para o Serviço Social.

1- método materialista histórico-dialético: Relações sociais de classe, raça, etnia e gênero

O método materialista histórico-dialético diante de uma perspectiva crítica da totalidade social, parte do pressuposto de que as relações sociais dentro do modo de produção capitalista são marcadas pela contradição capital x trabalho e que o capitalismo encontra, mesmo nos processos cíclicos de crise, novas e mais intensas maneiras de manter essa contradição, intensificando e garantindo formas de exploração e alienação. Nesse sentido, podemos dizer que as relações de raça, etnia e gênero serão reproduzidas nessa sociedade a partir de dinâmicas desiguais perpetuadas por estruturas vinculadas ao racismo, sexismo e cisheteronormatividade que contribuem na reprodução de formas de opressão. Essas opressões atravessam as relações de classe, possibilitando e validando processos de exploração intensa e violências contra a população negra, indígena, mulheres e população LGBTQI+, principalmente.

Folha nº _____
UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESPÍRITO SANTO
Código: _____

EM BRANCO



Código:

06

É importante ressaltar, que essas populações ~~em~~ ainda mais afetadas nos países periféricos, que passaram por processos de colonização que tinham como base a escravidão, oportunizando a maior exploração da força de trabalho e dos recursos naturais desses territórios, contribuindo para a constituição e perpetuação de um capitalismo tardio e dependente do capitalismo central. Não por acaso, nesses países a lógica de exploração da população negra/indígena, de mulheres e pessoas LGBTQ+ e as desigualdades de classe são ainda mais extremas, possibilitando trabalhos cada vez mais precarizados, marcados por postos de trabalho informais, com jornadas extensas, por vezes duplas, triplas (no caso de mulheres negras, por exemplo), além da má-remuneração. Além disso, a lógica de opressão histórica junto a essas populações validam violências, encarceramento em massa, e formas de exclusão.

No caso do racismo, autores como Clóvis Moura, nos ajudam a refletir sobre como essa estrutura, que propaga a inferioridade da população negra a partir de critérios biológicos, visam naturalizar a relação de violência e exploração em prol do modo de produção capitalista. Aqui é importante reforçar, que não se trata de um processo natural, mas social, construído a partir das relações sociais concretas, contribuindo para o processo de reprodução econômica. No processo de construção histórica no Brasil, a classe trabalhadora, ainda hoje é marcada pela violência e exclusão da população negra e indígena, que caracterizam a população mais pobre, e o processo de exclusão.

O sexismo, que marca a opressão de gênero, reproduzidas também ~~em~~ a partir da estrutura do patriarcado, naturaliza a desigualdade entre homens e mulheres, reabrimos a desqualificação e coisificando mulheres, que também

EM BRANCO



Código: 06

se tornam ~~mais~~ mão de obra, mais explorada. Além disso, as mulheres também assumem função na reprodução do capital ao gerarem e assumirem relações em lugar de cuidados. É nesse sentido que assumem várias formas de trabalho, dentro do âmbito doméstico e fora dele. Aqui também reforça o processo de cisificação, portanto, alienação que garante essa dinâmica, possibilitando os piores postos de trabalho para essas mulheres, principalmente mulheres negras e periféricas. Gonzalez também chama a atenção para a sexualização também dessas mulheres, que garante o lugar de propriedade privada para os homens, marcando lugares da violência de gênero.

Nesse contexto também é importante citar a dinâmica ideológica da cisheteronormatividade, que ao determinar enquanto norma a condição cis hetero, também questiona a possibilidade da diversidade sexual. Esse mecanismo contribui no processo de coesão e controle social, asserido por discursos conservadores que garantem o controle da sociedade, garantindo também formas de opressão, exclusão e intensificação da exploração.

Contudo as relações desiguais que marcam as relações sociais de raça, etnia e gênero nos convocam a pensar na heterogeneidade da classe trabalhadora, e quanto os processos de opressão e exploração também trazem relatórios para os processos de lutas sociais. Nesse sentido, é imprescindível entender que apesar da luta da classe trabalhadora ser única, ela se caracteriza por opressões diversas que precisam ser questionadas e relatadas, visto serem elas utilizadas pelo capitalismo como maneiras de intensificar a exploração, mas também segmentar a classe trabalhadora. Entendemos a importância da luta por uma sociedade ~~mais~~ igualitária, que elimine ^{as} formas

EM BRANCO



Código: 06

mais diversas de exclusão, mas que só é possível efetivamente com o fim do capitalismo.

2 - Requisições e desafios para o Serviço Social

Consideramos que o debate sobre racismo, sexismo e cis heteronormatividade precisa ocupar espaços de formação, atuação e luta, a partir do olhar crítico do profissional, a fim de que se possa assumir o compromisso ético da profissão.

Salemos que, apesar de o Serviço Social, enquanto profissão assumir o materialismo histórico dialético como método crítico de análise da realidade, é recente a discussão sobre a importância da formação e atuação antirracista e antixista nas diretrizes curriculares, assim como outros espaços de formação e atuação profissional.

Consideramos ser urgente a inclusão dessas pautas, assim como a valorização destas, para a concretização cotidiana de um projeto ético-político que defenda a eliminação de todas as formas de violências e exclusão, assim como o compromisso de luta por uma sociedade mais igualitária. Os debates, as produções teóricas de forma mais ampliada são passos importantes para essa condição.

Além disso, é importante considerar que a atuação profissional se constitui não só na execução de políticas sociais, que precisam considerar, em suas formulações e execuções as relações de classe, raça, etnia e gênero, mas também na luta e organização da classe trabalhadora. Considerar sua heterogeneidade e as pressões que a compõem parte importante para o processo em direção à emancipação humana que só pode ser efetiva com o fim do capitalismo.

UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESPÍRITO SANTO

Código

EM BRANCO



Código:

06

3 - Alguns apontamentos para conclusão

A título de conclusão é mister mencionar que os processos de opressão próprios do racismo, sexismo e cisheteronormatividade, sem garantir proporções massaladoras e desumanas no contexto ~~moderno~~ ultraliberal atual. Como já discutimos anteriormente, a violência e exploração contra a população negra, indígena, mulheres e população LGBTQ+ não é uma novidade histórica, no entanto, são nos processos de agudização da crise do capital, que testemunhamos tentativas cada vez mais agudas de garantia do controle da exploração que atem da aos interesses do capital. Essa exploração é garantida no controle, a partir de práticas de violência e opressão que contribuem para justificar as formas de exploração.

Destarte, reforça a importância da educação profissional do/a Assistente social, que também como parte da classe trabalhadora é atravessada por essas opressões, ser constituída de uma dimensão crítica e de luta permanente com vistas a transformação social.

Folha nº _____
UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESPÍRITO SANTO
Código: _____

EM BRANCO